



Associação Propagadora Esdeva
Centro Universitário Academia - UniAcademia
Curso de Jornalismo
Artigo

O outro com deficiência na TV: uma análise da representatividade por apresentadores e repórteres no telejornalismo e demais gêneros televisivos¹

Carolina de Medeiros Reis Moraes²

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

Kelly SCORALICK³

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

RESUMO

A pesquisa busca verificar se existe representatividade e inclusão em relação às pessoas com deficiência no telejornalismo e demais gêneros televisivos. Foram realizadas entrevistas com repórter e apresentadora com deficiência para identificar preconceitos e outras questões que possam dificultar a presença dos profissionais com deficiência no vídeo; e também um grupo focal com pessoas com deficiência para avaliar as marcas da representatividade. Os resultados apontaram que estamos vivendo um processo de abertura para pessoas com deficiência na frente da tela da TV, mas ainda há pouca representatividade desse grupo na televisão. Essa representatividade é importante para que o público com deficiência se identifique e se reconheça como cidadão.

Palavras-Chave: Pessoa com deficiência. Repórter com deficiência. Televisão. Representatividade. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados divulgados pelo Censo Demográfico 2010⁴ (BRASIL, 2012), publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tinha 190,7 milhões de pessoas em 2010. Deste total, 45,6 milhões ou 23,9% de toda a população apresenta pelo menos um tipo de deficiência, dividida entre visual, auditiva, motora e mental ou intelectual.

Esses dados apontam que quase um quarto da população brasileira tem deficiência, e ainda assim essas pessoas são colocadas à margem da sociedade, no que se refere aos seus direitos, precisando lutar pelo processo de inclusão em todos

¹Pesquisa realizada pelo projeto de Iniciação Científica atrelado ao Centro de Extensão e Pesquisa do UniAcademia.

²Graduanda do curso de Jornalismo pelo Centro Universitário Academia

³Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade pelo Centro Universitário Academia.

⁴ Disponível em: www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques. Acesso em: 12 set. 2020.

os setores, seja pela falta de acessibilidade ou mesmo para romper com padrões capacitistas, baseados em um padrão de corpo ideal e de que pessoas com deficiência são incapazes.

Assim sendo, esse estudo, resultado de um projeto de iniciação científica, propõe uma reflexão sobre a importância da temática pessoas com deficiência, especificamente sobre a presença delas na televisão, verificando como ocorre a representatividade dessas pessoas entre o grupo de apresentadores e repórteres no telejornalismo e demais gêneros televisivos, sendo esses os que representam esse grupo na TV e dão visibilidade a ele. Entendemos que a construção da identidade dos sujeitos, no caso especificamente, dos sujeitos com deficiência, seja feita a partir da relação com a sociedade na qual se inserem. Os meios de comunicação fazem parte do processo da construção das identidades, uma vez que atuam na representação da realidade em que vivemos. E no Brasil é a televisão quem exerce de forma consistente essa representação devido sua grande presença em todo território nacional.

Nossa pesquisa - aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Academia - UniAcademia, sob o parecer nº 4.344.169, suscita esse debate através de pesquisas bibliográficas, com levantamento sobre pessoas com deficiência nos cursos de jornalismo e áreas da Comunicação do país, além da produção de uma panorama sobre a presença de apresentadores e repórteres com alguma deficiência no telejornalismo e demais gêneros televisivos, como revistas eletrônicas, programas de entrevistas, etc. Além disso, nesta pesquisa foram realizadas entrevistas com esses profissionais de TV, buscando relatos sobre a experiência de ser uma figura de televisão com deficiência, identificando preconceitos, barreiras, estigmas e outras questões que possam dificultar a presença dos profissionais com deficiência no vídeo. Foi realizado ainda um grupo focal com o público com deficiência para compreender o processo de identificação com relação a apresentadores e repórteres com deficiência, analisando as marcas da representatividade.

Além da importância da televisão no Brasil, o motivo de procurarmos pela representatividade nos diversos gêneros de TV é por entendermos a televisão como a que determina quem está dentro e quem está fora, classificando os sujeitos e reforçando a ideia de uma sociedade capacitista. A TV é o lugar estabelecido pelo fluxo das imagens e nossa hipótese é que essas imagens têm um status, seguem um

padrão social, aquele que é aceito pela sociedade. Assim, acreditamos que as pessoas com deficiência são vistas numa condição de inferioridade corpórea, fora do dito normal e, portanto, estariam fora desse espaço das telas.

Além disso, temos como hipótese para esse estudo que essa representatividade na televisão é importante para que os grupos com deficiência possam se reconhecer.

Com isso, o objetivo desse projeto é verificar se existe representatividade e inclusão em relação às pessoas com deficiência no telejornalismo e demais gêneros televisivos e se essa representatividade é importante para esse grupo que acompanha as informações televisivas.

2 IDENTIDADE E DIFERENÇA

A identidade é um conceito que vem tentando ser explicado e tem expandido seu significado com o passar do tempo, levando em consideração a fluidez que ela possui, assim como afirma Stuart Hall.

Utilizo o termo 'identidade' para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interperlar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar'. As identidades são, pois, pontos de apegos temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou 'fixação' do sujeito ao fluxo do discurso [...] Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, de apego, embora 'sabendo', sempre, que elas são representações (HALL, 2005, p. 111-112).

Zygmunt Bauman (2005, p. 83) afirma que a identidade "é um conceito altamente contestado. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha." A batalha, segundo ele, é para se reconhecer em determinada identidade.

Para reconhecermos e nos identificarmos com determinada identidade, são analisadas características que nos enquadram em determinado grupo, assim como Tomaz Tadeu Silva afirma.

A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais: as condições sociais tornam as pessoas partes de um grupo e esse grupo pode ser marcado como inimigo de outro por não possuírem as mesmas

características (ou até mesmo característica totalmente opostas) (SILVA, 2005, p. 16).

Assim, nessas interações entre os grupos temos identidades marcadas pela diferença.

Fixar uma determinada identidade como norma é umas das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas (SILVA, 2005, p.83).

A globalização e o multiculturalismo vêm gerando um declínio das velhas identidades e o surgimento e fortalecimento de novas identidades, que passam a questionar os critérios de normalidades e vêm surgindo como forma de marcar a diferença como uma unidade, colocando em jogo “identidades que não têm sido reconhecidas, que têm sido mantidas ‘fora da história’ ou que têm ocupado espaço às margens da sociedade” (WOODWARD, 1997, p. 36).

E a identidade vem surgindo como um recurso fundamental para a compreensão dos sujeitos e de suas formações sociais.

Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos” mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar nós próprios” (HALL, 2005, p.110)

O que queremos aqui é discutir sobre a identidade do outro com deficiência, que tem ocupado um espaço à margem da sociedade. Chamamos atenção para repensar como tem sido feita a representação dessa identidade. E sob uma nova ótica, perceber como as pessoas com deficiência ganham espaço na vida social.

3 PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da Pessoa com Deficiência, nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que assegura à pessoa com deficiência a efetivação de vários direitos, considera-se pessoa com deficiência como:

Aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

Mesmo com o processo de inclusão, pessoas com deficiência ainda são vistas, na maioria dos casos, como pessoas limitadas, como pessoas inaptas de possuírem uma vida social, um relacionamento amoroso, um emprego, amizades, uma vez que, ainda são tidas como fora dos padrões da sociedade. Além disso, essas pessoas são vistas como coitadas por apresentarem algum tipo de deficiência, o que faz muitas vezes com que as pessoas atuem de forma capacitista. Segundo Guia de Orientações Básicas Sobre Deficiência e Acessibilidade⁵ (GUEDES, 2014, p. 4), o capacitismo é uma atitude “preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no capacitismo discriminam-se as pessoas com deficiência”.

Uma das questões que se busca hoje é promover o reconhecimento à diferença e valorizar a identidade da pessoa com deficiência, e para isso é importante abordar a questão da representatividade.

Segundo a pesquisadora Thi. Gresa⁶, a representatividade é:

Mais do que a identificação com o outro que é “igual” a você, a representatividade transcende o reconhecimento, e possibilita o evento do encontro, da troca, da emancipação. Ainda mais, constrói coletivamente formas de existências, formas de criação de novas formas de sentido, amplia as manifestações dos sentidos (GRESA, 2020)

Silva (2005) também aborda a questão da representatividade quando estabelece a ligação entre identidade e diferença. E reforça que quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade.

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”, “desenvolvidos e primitivos”, “racionais e irracionais”), normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (SILVA, 2005, p.81-82).

São as marcas da presença do poder que estão em jogo, de como questionar os critérios de normalidades. As pessoas com deficiência vêm lutando todos os dias

⁵Disponível em: www.29rba.abant.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=4384. Acesso em: xx set.2020

⁶ Disponível em: <https://laccops.wixsite.com/laccops/post/representatividades>. Acesso em: 15 set. 2020

pela conquista de uma representatividade na sociedade, buscando a quebra do padrão de normalidade. A internet permite a produção de conteúdo e, por isso, elas vêm se inserindo nas redes sociais, criando canais nas novas plataformas de comunicação e adquirindo um espaço de fala para comentar sobre o assunto, e, assim, conseguindo visibilidade para essa identidade. Uma pessoa que tem se destacado bastante é a jornalista Sarah Santos⁷, que tem deficiência física, com agenesia de membros, com desenvolvimento incompleto do braço direito. Ela já possui 179 mil e 800 seguidores no Tik Tok e utiliza da plataforma para fazer vídeos que ensinam sobre inclusão, conteúdos engraçados, sobre seu dia-a-dia e criando vídeos que tornam-se virais.

Contudo, percebemos que ainda existe uma grande falta de representatividade de pessoas com deficiência na mídia tradicional, e um dos principais locais em que isso acontece é na televisão.

4 A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO

A TV surgiu no Brasil em 1950, completando 70 anos de várias histórias e influência na sociedade brasileira. No começo, pessoas se reuniam em padarias, bares, apenas para assistir a programação da TV. Com o passar dos anos, ela ganhou cores e, ao mesmo tempo, foi conquistando uma grande importância no cenário brasileiro, até mesmo maior que o rádio, tendo em vista que a televisão tinha algo muito importante que o rádio não possuía: as imagens, assim como afirma Mauro Salles.

Sem desmerecer a contribuição do rádio e da imprensa, é possível afirmar, sem medo de erro, que a televisão é a mídia brasileira mais importante. [...] A televisão se transformou na principal fonte de informação e notícia para as mais amplas camadas de espectadores de todos os níveis, todas as idades, todas as classes, de todos os rincões deste país. (SALLES apud ARONCHI DE SOUZA, 2004, p.24)

E a TV permanece ainda hoje sendo a mídia mais importante no país. É o que confirmam os dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad) Contínua, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no

⁷ Disponível em: https://www.tiktok.com/@soupassarinha?lang=pt_BR. Acesso em: 02 out. 2020.

quatro trimestre de 2018 e divulgada em abril de 2020⁸. Essa pesquisa além de abranger o acesso à TV, também inclui o acesso à internet nos domicílios particulares e também a posse de telefone móvel celular para as pessoas de 10 anos ou mais de idade. Segundo a pesquisa, em 2018, dos 71 mil 738 domicílios particulares permanentes do país, em 96,4% deles havia televisão, enquanto que em 2017 eram 96,7%. Esse redução, de 2017 para 2018, ainda que pouco expressiva, ocorreu tanto em área urbana (de 97,4% para 97,1%) como em área rural (92,3% para 92,0%). A Internet, por sua vez, 2017 era utilizada em 74,9% dos domicílios do país e este percentual subiu para 79,1%, em 2018. O crescimento foi representativo nos domicílios da área rural, aumentando de 41,0% para 49,2%, e na área urbana, de 80,2% para 83,8%.

Assim, mesmo com o crescimento da presença da Internet nas casas brasileiras, a TV continua preponderante, com enorme significância em nossa sociedade. Dominique Wolton (1996) afirma que a televisão exerce um papel importante, principalmente por sua visibilidade e popularidade e que ela é a janela para o mundo. É o principal meio de informação e divertimento do público. Para o autor francês, a TV é o grande laço social da contemporaneidade, considerada aquela que consegue alcançar públicos diversos, envoltos em uma mesma programação. Cria-se uma laço invisível e silencioso. “Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que eu estou assistindo a ele” (WOLTON, 1996, p.122). O laço dado pela TV seria de unir os indivíduos e ainda as diferentes comunidades constitutivas de uma sociedade, de acordo com Wolton.

Em contraponto, Pierre Bourdieu (2005) vê a TV como instrumento de integração e de manutenção da ordem. Ele critica a TV afirmando que, ao tentar falar para todos, a TV fala para ninguém, abordando notícias de interesse supostamente coletivo, mas que não envolvem disputa, apenas formam o consenso. Isso é demarcado através de uma grade de programação criada para promover a identificação do público com o produto televisivo. Na sua programação, a TV se estabelece através de vários gêneros, os quais são classificados, de acordo com José Carlos Aronchi de Souza (2004), nas categorias de: Entretenimento, Informação, Educação, Publicidade, e Outros.

⁸ Disponível em: file:///C:/Users/Admin/Downloads/Analise_dos_resultados_TIC_2018.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

Segundo Aronchi de Souza, no Entretenimento, os gêneros são: auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, game show, humorístico, infantil, interativo, musical, novela, quiz show, reality show, revista, série, série brasileira, sitcom, talk show, teledramaturgia, variedades, western. Já na categoria Informativo, os gêneros são: debate, documentário, entrevista e telejornal. Enquanto isso, na Educação são: Educativo e Instrutivo. No Publicitário são chamada, filme comercial, político, sorteio e telecompra. E, por fim, em Outros, classificam-se os gêneros especial, eventos e religioso.

Itania Gomes (2009, p.1) ressalta ainda a presença do *infotainment* na programação de TV que seria o “neologismo que traduz o embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento”. Segundo ela, alguns exemplos de infotenimento seriam:

Programas que dramatizam a vida cotidiana [...] conjugam debate de assuntos da atualidade com recursos do entretenimento [...] além de programas jornalísticos populares e programas que têm como conteúdo as várias formas de entretenimento como jornalismo esportivo, jornalismo cultural, colunismo social (GOMES, 2008, p. 7-8).

Como mencionado, para cada um desses gêneros é possível estabelecer uma identificação do público, assim como afirma Aluizio Ramos Trinta:

Manifesta-se um processo de identificação quando se torna a própria identidade co-extensiva à de alguma outra pessoa, personalidade ou personagem; quando há apropriação (compenetração de ideias, crenças, atitudes, sentimentos) da identidade aparente de uma pessoa, personalidade ou personagem; enfim, quando transparece uma fusão intencional da própria identidade à de uma pessoa, personalidade ou personagem (TRINTA, 2008, p.36).

Duas dessas personalidades que muitos podem se identificar na TV são os repórteres e apresentadores.

5 NA TELA, OS REPÓRTERES E APRESENTADORES

Quando se fala sobre televisão, uma das coisas que vem logo à mente são os apresentadores e repórteres. Afinal, eles estão à frente das câmeras e isso chama atenção dos telespectadores. Especificamente no telejornal, Stam (apud LEAL, 2009, p.98) aponta que ele “produz – ou deseja produzir – um “nós fictício” que aproxima espectador, apresentadores, repórteres, personagens, fazendo com que uns e outros,

sejam unidos por laços de identificação”. Logo, nota-se que eles possuem uma grande importância na TV para as pessoas, muitas vezes ganhando um novo status.

As autores Juliana Freire Gutmann, Valéria Maria Vilas Bôas e Itania Maria Mota Gomes (2019, p.80) abordam a figura do repórter que se impõe como importante “dispositivo de autenticação dos relatos telejornalísticos e de constituição de subjetividades”. Ou seja, o repórter impõe credibilidade, tendo em vista que é ele que transmite a notícia e, por isso, ganha uma grande relevância no cenário, sendo muitas vezes mais comentado e reconhecido em relação aos que trabalham atrás das telas da TV.

Rezende (2000) explica que a linguagem televisiva propicia que o telespectador sinta-se íntimo dos profissionais que trabalham neste veículo, seja nos telejornais ou nos demais produtos da TV. Sobre isto, Maciel (1995) afirma que esta relação sai do campo da televisão e torna-se real. Muitas vezes, os jornalistas de TV são reconhecidos pelo público que os assistem, assim, tornando-se personalidades públicas.

Em relação a essa postura de apresentadores, repórteres e âncoras, Castro (2009, p. 135) aponta que há uma expectativa de efeito de familiaridade com o telespectador e pela manutenção de comportamentos diante várias questões, entre elas:

Há uma espécie de gramática do apresentador do telejornal, que se repete, independentemente dos atores que ocupam as posições de âncora ou de repórter, e isso fica evidenciado no comportamento previsível, na vestimenta impecável, na postura e gesticulação, na fala correta.

Diante disso, seria uma pessoa com deficiência bem vista dentro deste enquadramento? Esses corpos, ditos fora do padrão, que apresentam deficiências, que são expostos com suas cadeiras de rodas, muletas, andadores, entre outros, teriam a possibilidade de assumir a postura de apresentadores, repórteres e âncoras na TV? É de nosso conhecimento a existência de um grupo de jornalistas no Brasil com algum tipo de deficiência, mas esses profissionais, de um modo geral, não estão nas telas de TV.

Fizemos um levantamento para tentar identificar o número desses profissionais no país, porém não foi possível concluir uma vez que não há dados nacionais sobre trabalhadores nem mesmo sobre número de estudantes em curso superior com deficiência, especificamente no jornalismo. Foi localizada apenas uma pesquisa

realizada no estado de São Paulo, feita pela Secretaria de Direitos da Pessoa com Deficiência, em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas⁹ (FIPE), abrangendo 130 municípios paulistas. No Estado, 9.259 pessoas com deficiência estão matriculadas no ensino superior de educação, sendo 0,46% do total de alunos matriculados. Dessas, 34,7% têm deficiência física; 33,78% visual; 19,53% auditiva; 5,86% múltipla; 4,21% intelectual e 1,92% autismo.

A pesquisa aponta que nos cursos de Jornalismo e áreas da Comunicação (Cinema e Audiovisual; Rádio e TV; Rádio, TV e Internet; Comunicação Social – Rádio e Televisão) dos municípios paulistas há 26.650 estudantes matriculados, sendo 144 com alguma deficiência, o que significa 0,54% do total. Entre as deficiências, estavam alunos principalmente com deficiência visual (54 alunos) e com deficiência física (52 alunos). Há ainda estudantes com autismo, com deficiência auditiva, mental/intelectual e múltipla.

Por sua vez, no mercado de trabalho encontramos alguns profissionais com deficiência, principalmente assinando colunas, com blogs em jornais online ou mesmo atuando em empresas de comunicação. Entre eles, destacamos o jornalista Luiz Alexandre Souza Ventura que está à frente do blog Vencer Limites, no portal do Estadão, e Jairo Marques, colunista da Folha de São Paulo. Na TV, por sua vez, são poucos aqueles com deficiência que estão à frente das câmeras. Desde 2010, o Fantástico conta com o trabalho da repórter Flávia Cintra, que é cadeirante. Já o Programa Especial, veiculado pela TV Brasil desde 2004, dedicado à inclusão da pessoa com deficiência, tem como apresentadora a jornalista Juliana Coutinho Oliveira, que é tetraplégica, como repórter Fernanda Honorato, que tem síndrome de down, e já teve a participação de José Luiz Pacheco, também cadeirante. O Programa é pioneiro no mundo ao trazer pessoas com deficiência com veiculação em televisão aberta para ocupar os papéis de apresentação e repórteres. O Domingo Espetacular, da TV Record, conta desde julho de 2020 com o trabalho do repórter Daniel Toco, que nasceu com agenesia de membros e não tem parte do braço direito.

Temos como exemplo ainda a jornalista Thais Altomar, que é cadeirante e hoje moradora de Juiz de Fora, Minas Gerais. Já no ano de 1991, foi apresentadora na TV Tiradentes, afiliada da Rede Bandeirantes na cidade. E em 1989 trabalhava na Rede Tropical de Comunicação, afiliada antiga da TV Manchete, em Natal, no Rio Grande

⁹ Disponível em: <http://basededados.sedpcd.sp.gov.br>. Acesso em: 10 set. 2020.

do Norte, sendo repórter e apresentadora de telejornal, além de apresentadora esporádica dos jornal de esportes da emissora.

Contudo, como vimos, a parcela de pessoas com deficiência como apresentadores e repórteres de TV não é tão grande. Será que essa representação na televisão por pessoas com deficiência não é importante para os telespectadores com deficiência, para afirmar sua identidade e para se sentirem reconhecidos?

6 A REPRESENTATIVIDADE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA TV

Nesta seção apresentamos o procedimento metodológico empregado pela pesquisa, a natureza dos dados analisados e discutimos os resultados.

Após identificarmos a presença de apresentadores e repórteres com alguma deficiência no telejornalismo e demais gêneros televisivos, realizamos entrevistas com esses profissionais buscando relatos sobre a experiência de ser uma figura de TV com deficiência, identificando preconceitos, barreiras, estigmas e outras questões que possam dificultar a presença dos profissionais com deficiência no vídeo, além de abordar os ganhos para ele e seus semelhantes.

Neste momento, a metodologia utilizada na pesquisa é descritiva de abordagem qualitativa, com técnica de entrevista com jornalistas com deficiência que atuam em telejornal ou demais gêneros televisivos. Neste caso, a condução da entrevista assume forma mais ou menos estruturada. “O entrevistador guia-se por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado em folhas próprias” (GIL, 2002, p. 117). Para tal, foram elaborados conjuntos de perguntas a partir do tripé temático: trajetória pessoal e profissional; ambiente e rotinas de trabalho na televisão; e expectativas e retornos recebidos pelo público com deficiência sobre a presença do apresentador ou repórter na TV.

Em razão do momento em que vivemos, em que é necessário o distanciamento social, as entrevistas foram realizadas por plataformas online.

Em um primeiro momento, nossa escolha foi pelo repórter Daniel Toco, pela estreia recente na programação televisiva nacional. Porém, entendendo a importância de ouvir mais vozes, nosso outro contato foi com Juliana Oliveira, que está à frente do Programa Especial desde 2004, e diante de resposta positiva, a entrevista também foi realizada.

6.1 Entrevistas com repórteres e apresentadores com deficiência

O repórter Daniel Toco, formado em Rádio TV pela Universidade Metodista de São Paulo estreou como repórter do quadro Cidade Alegre, do telejornal Balanço Geral, na Rede Record Rio de Janeiro, em março deste ano. O quadro busca trazer histórias inspiradoras de uma forma mais alegre para inserção no telejornal. Devido ao sucesso do quadro, em julho Daniel estreou como repórter no Domingo Espetacular, revista eletrônica dominical exibida para todo país. Assim, aqui encontramos um repórter com deficiência inserido nos gêneros telejornal e revista na televisão.

Daniel que tem uma deficiência congênita, nasceu sem o braço direito, contou durante entrevista que Toco em seu nome artístico surgiu como maneira de naturalizar sua deficiência, pois ele enxergou que tem um propósito maior nesse apelido, que é a demonstração de uma autoaceitação.

Além de contar um pouco sobre sua trajetória na faculdade (de estágios até o seu trabalho atual), ele dividiu um pouco suas opiniões sobre o tema pessoas com deficiência na frente das câmeras e sobre como ele acredita que isso seja importante para o grupo de pessoas com deficiência, incluindo ele mesmo.

Quando questionado sobre a dificuldade que ele enfrentou para estar em frente às câmeras, Daniel respondeu:

Quando eu me coloquei como repórter, eu falei 'vou fazer acontecer, eu vou gravar, vou falar com a direção da Record, com a presidência'. Eu comecei a encarar todo mundo e comecei a falar 'olha, é isso que eu sou' e eles começaram a ver valor naquilo. A maior dificuldade que eu tive foi interna, foi eu me aceitar dentro da televisão (TOCO, 2020).

Quando perguntado se ele conhecia mais alguma pessoa com deficiência que está à frente da TV ou que trabalhe com ele, citou que na redação da Record possui um homem que teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e acabou ficando com um lado do corpo paralisado, mas que na frente da TV ele não conhece pessoas com deficiência.

Daniel acrescentou ainda que o retorno do público, principalmente pessoas com deficiência, tem sido muito bom. "Eu tenho bastante retorno PCD [pessoa com deficiência] e tem sido bastante positivo". Além disso, ele comentou como acredita que sua imagem na TV influencia a vida das pessoas com deficiência.

Eu acho muito importante, não a minha figura por ser eu, mas qualquer figura PCD ou qualquer minoria. Todas na frente da televisão dão um alento no coração da pessoa. Eu cresci vendo televisão, novela, jornal, séries, e nunca

vi uma pessoa como eu na TV. Quando eu via era só no Teleton, no SBT, mostrando crianças às vezes como coitadas, nunca como uma pessoa empoderada, com voz, que tem uma opinião que as pessoas respeitam. Então está na hora das pessoas PCDs se levantarem, e isso está acontecendo (TOCO, 2020).

Em contraponto, a jornalista Juliana Coutinho Oliveira, que após um acidente aos 23 anos, ficou tetraplégica, em entrevista disse que para se inserir no mercado de trabalho não passou por dificuldade. Mas que não colocava em seu currículo que é uma pessoa com deficiência e quando chegava no local do trabalho muitas vezes o contratante se surpreendia com isso, o que nunca a impediu de ser contratada.

Quando questionada sobre a importância da sua imagem na TV, ela comentou que ainda há um desconhecimento muito grande do público sobre o Programa Especial, até mesmo das pessoas com deficiência, mas que há um público fiel. Além do mais, ela contou de momentos em que pessoas com deficiência a encontram na rua e que ela percebe uma identificação.

Já ocorreu algumas vezes, até de crianças com deficiência, que quando me vêem se emocionam. Acho que elas enxergam que ali tem uma pessoa que “tem um reconhecimento na mídia”. A televisão é algo mágico. O fato de você aparecer na televisão, mesmo em um canal pequeno, gera essa magia. Então, já tive contato com crianças com deficiência que se espelham nisso (OLIVEIRA, 2020).

Além disso, ela que está à frente do vídeo há 16 anos em um programa com proposta de entretenimento, acrescentou que tem enxergado avanços na discussão e na maneira de representação da pessoa com deficiência.

Acho que hoje a deficiência é tratada de uma forma muito mais natural do que era antigamente. Eu até estou fazendo um estudo aqui nas novelas e a gente vê até um aumento das deficiências nas novelas e uma tendência a aumentar a naturalização da deficiência (OLIVEIRA, 2020).

Apresentadas as entrevistas desses profissionais com deficiência, o momento é de ouvir o outro lado e perceber as marcas dessa representatividade na televisão.

6.2 Ouvindo o público: grupo focal com pessoas com deficiência

Para avaliar junto ao público com deficiência o processo de identificação com relação a apresentadores e repórteres com deficiência foi realizada uma pesquisa de recepção por meio de um grupo focal, por entendermos que este tipo de pesquisa

qualitativa é uma metodologia adequada para se obter “um conjunto de percepções e não simplesmente uma relação de perguntas e respostas de um para um” (COSTA, 2005, p. 189). Para Bernadete Angelina Gatti (2005, p.9), as trocas realizadas no grupo focal permitem captar “conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações”, melhor que em outros métodos, “por possibilitar a emergência de uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais”.

Segundo Costa (2005, p. 183), o grupo focal deve ter a presença de oito a doze participantes, enquanto Gatti (2005, p.12) orienta ainda que os grupos não devem ser excessivamente grandes nem pequenos, preferencialmente entre seis a doze pessoas. Assim, foi realizado um grupo focal, em uma única sessão, com nove pessoas com diferentes deficiências, gênero, escolaridade, profissão e classe social. O trabalho com o grupo focal também foi por plataformas online, pelo mesmo motivo do distanciamento social.

O primeiro passo foi definir os participantes do grupo focal. Escolhemos um grupo de pessoas exclusivamente com deficiência para participar do grupo focal. Foram convidados influenciadores digitais, estudantes e profissionais de áreas diversas. A realização do grupo focal online permitiu a presença de pessoas no grupo não só de Juiz de Fora, onde as pesquisadoras residem, como de outras cidades do país, como Campo Grande (MS), Mariana (MG) e Campinas (SP).

Em seguida, foram definidos os produtos audiovisuais para serem exibidos durante o grupo focal. Selecionamos uma reportagem do quadro Cidade Alegre, com Daniel Toco, sobre o Setembro Verde com exemplo de pessoas com deficiência que andam fazendo sucesso pela internet, propagando autoaceitação e conteúdos sobre esse universo. Fizemos ainda um apanhado de vídeos com a presença de outros repórteres e apresentadores com deficiência na TV, incluindo a repórter Flávia Cintra e as reportagens do Programa Especial, com apresentação de Juliana Coutinho.

Entre os participantes do grupo focal estavam oito pessoas do sexo feminino e uma do masculino. Seguindo o resguardo do sigilo e da privacidade dos participantes, através de uma conduta ética, estabelecida pela participação voluntária e espontânea na pesquisa, aqui as mulheres serão denominadas pela letra M, associada a um número, e o homem por H1.

Inicialmente, conversamos sobre qual era a relação que eles mantinham com a TV: com qual frequência assistem TV e que tipo de programa mais assistem. Destacamos os comentários mais relevantes. M1, pedagoga, com deficiência

adquirida após acidente, causando paraplegia e hoje usa cadeira de rodas, disse que quase não tem assistido televisão, mas que gosta muito de jornalismo, de documentários e séries. M3, estudante de jornalismo, com paralisia cerebral, mencionou que assiste muito TV, e que possui uma relação muito forte tanto com jornalismo como com o entretenimento e que adora novela. H1, servidor público, que teve poliomielite quando criança e hoje se locomove em cadeira de rodas, comenta que assiste TV mais aos finais de semana e que assiste mais jornalismo e notícias.

Em seguida, foram exibidos os vídeos. Ao término, ouvimos dos participantes a opinião deles sobre a reportagem. Dos nove participantes, apenas três não fizeram comentários. Entre esses, quatro pontuaram não concordar com um programa que fale especificamente de pessoas com deficiência, como diz M5, jornalista e com agenesia de membros.

M5: Eu não acho legal você ter um jornal só de pessoas com deficiência falando sobre deficiência. Isso a meu ver deixa claro como se a pessoa com deficiência só pudesse falar sobre esse assunto. Como se uma pessoa com síndrome de Down só pudesse entrevistar outra com síndrome de Down. Eu como pessoa com deficiência e jornalista quero é inclusão, quero poder participar de qualquer tipo de reportagem ou de qualquer tipo de jornal.

Os participantes comentaram ainda sobre a presença do capacitismo nos vídeos apresentados. M4, também jornalista com agenesia de membros, falou sobre o incômodo ao ouvir o apresentador do telejornal Balanço Geral ao citar Daniel Toco como o novo repórter do programa.

M4: Ele fala: "Agora eu vou mostrar um exemplo de ..." e novamente a gente tem aquela ideia da pessoa com deficiência atrelada a ser um exemplo e a ser uma referência para as outras pessoas de como você deve levar a vida. Afinal fulano tem uma deficiência e está fazendo tal coisa, por que você não está fazendo?

Imediatamente M1 se posicionou favorável ao que foi apontado por M4.

M1: Tem isso de colocar a gente numa questão de fazer algo extraordinário, e não é, é algo como qualquer outra pessoa faz. Essa questão é mesmo do capacitismo, da sociedade ainda ligada à pessoa com deficiência em que ou a gente é super herói ou a gente é nada. Tem esses dois lados extremos. E quando a gente determina que quer fazer alguma coisa que não está ligada à questão da deficiência, a gente é até cobrado nesse sentido.

M3, que é estudante de jornalismo e tem paralisia cerebral, citou como são as abordagens feitas dentro da faculdade, muito semelhante ao que foi visto em alguns trechos dos vídeos apresentados.

M3: Eu sou muito forçada a dar palestras, eu sou aquela aluna que aparece em tudo dentro da Universidade que tem a ver com a deficiência. E quando eu vou fazer algum trabalho eu fujo totalmente desse viés.

A jornalista M6, que teve poliomielite aos quatro meses de idade e hoje se locomove com cadeira de rodas, concordou com as participantes e apontou sobre a não obrigatoriedade de pessoas com deficiência falarem apenas sobre assuntos ligados à deficiência. “Acho que mostra a naturalidade que já estamos lidando com o assunto [...] A invisibilidade da pessoa com deficiência só vai acabar quando a gente mesmo começar a se posicionar”, afirma M6.

Ao serem questionados sobre o papel dos apresentadores e repórteres com deficiência no vídeo, eles comentam que se sentem muito realizados ao se verem sendo representados em frente às câmeras, assim como pontua M7, mulher com nanismo.

M7: Eu acho muito legal, independente do tema, porque você está dando espaço para o profissional, não para o deficiente em si. Eu gosto muito quando eu vejo matérias com pessoas com deficiência, já é um bom caminho. Quando eu vejo reportagens que têm pessoa com deficiência, eu me sinto representada. Mas infelizmente isso é muito raro.

Além disso, M8, estudante de psicologia e com paralisia cerebral, comenta sobre como é ver pessoas com deficiência não só na TV como também nos outros meios de comunicação e como isso ajuda no seu processo de autoaceitação.

M8: Eu também acho muito legal quando vemos reportagens assim. O que eu mais gostei da reportagem em si foi mostrar a moça alegre, feliz com ela, mesma tendo uma deficiência, mesmo tendo pouco tempo que isso tinha acontecido com ela. Eu adoro ver os Tik Toks de pessoas que têm alguma dificuldade, dançando, cantando, porque mostra que a gente pode ser feliz mesmo tendo alguma deficiência.

Após as entrevistas e o grupo focal, foi possível perceber que há um avanço sobre a discussão da temática deficiência na televisão, mas ainda assim a maneira como essas pessoas são apresentadas nas reportagens e programas na TV precisa mudar, abandonando preconceitos e naturalizando a abordagem sobre o assunto. Isso interfere diretamente na forma como a sociedade continua a enxergar as pessoas com deficiência.

Foi possível perceber ainda nas respostas dos participantes do grupo focal e ainda nas falas de Daniel Toco e Juliana Oliveira que a presença de pessoas com deficiência na frente das telas é importante. Como diz Juliana, as crianças com deficiência se emocionam com sua presença na TV e se espelham nela. Daniel mencionou que o público vê suas matérias como algo motivante, alegre, por tratar das pessoas com deficiência com um teor de menos sofrimento.

Assim, concluímos que a presença de repórteres e apresentadores na TV, nos mais variados gêneros televisivos, permite que o público com deficiência se reconheça e seja reconhecido como cidadão. É a identificação com esse outro com deficiência. E, conseqüentemente, o que leva ao empoderamento dessas pessoas, ainda tão excluídas do modelo hegemônico da sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas com os jornalistas e o grupo focal realizado reforçam como é importante para o outro com deficiência a existência da sua representatividade no telejornalismo e nos demais gêneros televisivos.

A partir do levantamento feito e das entrevistas realizadas, identificamos a pouca presença de jornalistas atuando nas redações e ainda na tela da TV. Em sua entrevista, Daniel Toco concordou que há uma dificuldade para se chegar na frente das câmeras, mas ponderou que isso vai muito da crença que as pessoas põem em si próprio. Ele disse que já chegou a acreditar que a TV poderia não ser o seu lugar. Mencionou ainda que cresceu com a reprodução da imagem na televisão da pessoa com deficiência de uma visão capacitista, vista como coitada.

Já na entrevista com a jornalista Juliana Coutinho Oliveira, reconhecemos o desconhecimento do público em relação à temática deficiência. Porém, percebemos a importância da TV quando menciona a abordagem feita a ela por crianças com deficiência na rua, quando é reconhecida, e elas se emocionam, isto é, identificam-se com a figura da apresentadora.

No grupo focal, tivemos uma ideia de como essas pessoas se sentem com a maneira que são representadas na televisão. M7, por exemplo, afirmou que isso já é um grande passo em relação à luta pela inclusão. Complementou que ao ver reportagens com pessoas com deficiência fica muito feliz e se sente representada, porém isso não é algo corriqueiro.

Infelizmente isso é muito raro. Tem tanta coisa legal para mostrar independente da deficiência, tem tanta coisa que se pode abordar, falando sobre a deficiência ou não. E se o momento agora é falar sobre a diversidade, sobre o preconceito, o racismo, homofobia, por que não falar sobre deficiências? Por que não dar espaço para a pessoa com deficiência?

Além disso, em sua maioria, os participantes do grupo focal reforçaram como é importante dar espaço para o profissional com deficiência na TV.

Baseado nos resultados alcançados identificamos pessoas com deficiência na função de apresentadores e repórteres na TV, havendo, assim, o início de um processo de abertura para pessoas com deficiência na frente da tela da TV. Parece haver uma ruptura do padrão corpóreo na TV, caminhando para uma inclusão dos ditos diferentes na tela da televisão, não só no telejornalismo como em outros gêneros televisivos. Porém, essa representatividade ainda é pequena, representatividade essa que é importante para que o público com deficiência se identifique e se reconheça como cidadão.

Com essas entrevistas e com o grupo focal percebemos, então, que a TV precisa se reformular. Devido a sua importância na sociedade, o fato dela se tornar um meio mais inclusivo, acessível e representativo, conseqüentemente pode influenciar e ajudar a sociedade a tornar-se assim também.

Esperamos que a pesquisa possibilite a reflexão sobre a importância da representatividade em todos os campos da nossa sociedade, e que todos estejam, de fato, representados nos variados ambientes, inclusive nas telas da televisão.

ABSTRACT

The research seeks to verify whether there is representativeness and inclusion in relation to people with disabilities in television news and other television genres. Interviews were conducted with a reporter and presenter with a disability to identify prejudices and other issues that may hinder the presence of professionals with disabilities on the video; and also a focus group with people with disabilities to assess the marks of representativeness. The results showed that we are experiencing an opening process for people with disabilities in front of the TV screen, but there is still little representation of this group on television. This representativeness is important for the public with disabilities to identify and recognize themselves as citizens.

Key Words: Disabled person. Disabled reporter. Television. Representativeness. Inclusion.

REFERÊNCIAS

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira.** São Paulo: Summus, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 jul. 2015

BORDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 180-192.

CASTRO, Maria Lília Dias de. A linguagem da promoção no telejornalismo. In: GOMES, Itania Maria Mota. **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 125-139.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Itânia Mota. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. In: **V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74277217742772103772621605140235486090.pdf>. Acesso em: 05. maio.2020.

GRESA, Thi. **Representatividades**. Online. Niterói: LACCOPS, maio 2020. Disponível em: <https://laccops.wixsite.com/laccops/post/representatividades>. Acesso em: 15 set. 2020

GUEDES Anahi; MARTINS Felipe Bruno. **Guia de Orientações Básicas Sobre Deficiência e Acessibilidade na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**: Natal, 2014.

GUTMANN, Juliana Freire; BÔAS, Valéria Maria Vilas; GOMES, Itania Maria Mota. Testemunha, vivência e as atuações do repórter na TV brasileira. In: **Significação**, São Paulo, v. 46, n. 51, p. 78-95, jan-jun. 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 103-132.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010**: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: 2012. Disponível em:

biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.
Acesso em: 10 jun. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?edicao=27527&t=downloads>. Acesso em: 15 set. 2020.

LEAL, Bruno Souza. Telejornalismo e autenticação do real: estratégias, espaços e acontecimentos. In: GOMES, Itania Maria Mota. **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 91-103.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão**. Porto Alegre: Sagra, 1995.

SILVA, Tomás Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Juliana Coutinho. **Juliana Coutinho Oliveira**: entrevista [nov. 2020]. Entrevistador: Carolina de Medeiros Reis Moraes. Rio de Janeiro: online, 2020.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

TOCO, Daniel. **Daniel Toco**: entrevista [out. 2020]. Entrevistador: Carolina de Medeiros Reis Moraes. Rio de Janeiro: online, 2020.

TRINTA, Alúcio Ramos. Televisão e formações identitárias no Brasil. In: PINHEIRO, Marta de Araújo; LAHNI, Claudia Regina. **Sociedade e Comunicação**. Perspectivas Contemporâneas. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2008, p.31-50.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005, p.7-72.